

1 — UM PROJECTO

1.

Elda nada sabia sobre Flávio Hirpo, mas que poderia afirmar com certeza sobre os cinco jovens que ao seu lado participavam na cerimónia? Supunha que aquela inesperada expedição nocturna também suscitasse dúvidas nos colegas. Não tinham mais de dezassete anos, e todos se esforçavam por dissimular o mínimo sinal de hesitação. Brísida, a atraente rapariga negra que, ao fim de poucas horas, já dera a impressão de ser talhada para líder do grupo, era um exemplo acabado de rigor mudo e confiante. Havia anos que Elda se treinava ao espelho para conseguir transmitir a mesma impressão, mas, face àquele modelo, apercebia-se de que não ia além de um resultado tosco.

De resto, a gravidade dos rostos conformava-se ao ambiente desolado do início de Junho. O céu estava negro, chovia sem parar; impossível compreender se o sol já se teria posto. Mas Marcello consultara o relógio de pulso e dera o sinal: podiam retirar as capas. A noite chegara, já não corriam o perigo de que eventuais raios atravessassem a cobertura compacta de nuvens.

Estava tão escuro, que mal notaram a diferença. Os jactos de luz dos dois faróis da carrinha batiam directamente no vulto corpulento do coveiro, concentrado em cavar o buraco para despachar o trabalho o mais depressa possível. Marcello teve de repetir que o sol se pusera e só então o homem endireitou a coluna e removeu a protecção. Sob aqueles focos de luz severos, Elda viu-lhe o rosto teso e mal-encarado encharcar-se de imediato. Era uma chuva pesada, que martelava o caixão e transformava o campo num lamaçal. Se alguém se mexesse, seria possível ouvir o som pastoso da terra sob as botas. Não havia por ali nenhuma iluminação que reforçasse o halo dos faróis; como ainda era de lei, o cemitério distava da capital uns vinte quilómetros. Muitos habitantes não recordariam ter-se afastado tanto de Lisboa.

O esquife tinha sido transportado no tejadilho da carrinha bege, que pertencia à Bóreas. Esta contava nove lugares e não viera cheia: além do coveiro, que a conduzira, só participavam no funeral os seis jovens impulsores e Marcello Galvano, o tutor italiano. Parca assistência, que perturbava Elda. Sem dúvida, Marcello fora o único dos presentes a ter conhecido de facto Flávio Hirpo. Isso não impedira Brísida de se lhe referir como

«o Flávio» pouco antes, no trajecto percorrido pela carrinha, ao lamentar em nome de todos a inesperada morte do colega.

Marcello não lhes comunicara as circunstâncias do óbito. Mas havia tantas outras perguntas à espera de resposta naquele enigmático projecto, que isso quase poderia ser considerado normal.

Agora, as rajadas de vento fustigavam com mais violência. Até Carola, a rapariga de cabelo ruivo que parecia ter os pés sempre bem fincados no chão, deu um passo em falso. Bartolomeu amparou-a com o corpo, como se estivesse disposto a garantir a estabilidade dos dois — e não lhe faltava constituição para isso. O indício de humanidade reconfortou Elda. Já dera para perceber que aqueles dois se conheciam bem: eram ambos lisboetas, tinham frequentado o mesmo liceu. O rapaz cruzou o olhar com o dela e esboçou um sorriso. Era bonito, e, de todos, o mais descontraído. Por seu lado, Carola, que não gostava de se sentir observada, lançou-lhe uma expressão irritada. Ou talvez fosse o seu semblante habitual; até àquele momento, Elda não lhe conhecia outro.

O buraco escavado era já uma poça de lama quando o coveiro deu por findo o trabalho, mas na verdade, perante as condições adversas, a paciência devia ter-se-lhe esgotado, pois a fossa não revelava ainda largura suficiente. E, de facto, quando ele começou a manobrar no sentido de fazer descer a tumba, um dos cantos atolou. O caixão ali ficou encalhado, como um barco que recusava afundar. Debaixo da chuva, Marcello uniu-se ao trabalhador nas tentativas de o fazer ceder, mas, ao fim de uns segundos de gestos ineptos, pediu, ofegante:

— Rapazes, logo vêm ajudar?

O português peculiar do tutor ainda os conseguia confundir. Talvez o apelo não se restringisse aos elementos de sexo masculino, mas o certo é que Bartolomeu e Fernão, cada um do seu lado, dispuseram-se ao maneio.

Bartolomeu dava ares de não ter feito outra coisa na vida: era nitidamente o mais forte do grupo e os ombros largos permitiam identificar nele à primeira vista um desportista. Porém, mais uma vez, fora o rosto carregado de Fernão a atrair a atenção de Elda. Era um rapaz débil e pálido, que parecia transportar vestígios de raquitismo. Um tufo grisalho no cabelo contribuía para lhe transmitir um ar soturno, quase desagradável. Mas outra característica ainda o singularizava: fosse por malformação ou por acidente, tinha o braço direito ligeiramente atrofiado e, por instinto, procurava resguardar a mão flácida, enfiando-a no bolso ou escondendo-a, em vão, atrás das costas. Horas antes, esquivara-se a apertar a mão que o coveiro, incauto, lhe estendera. Talvez pela mesma

razão, concentrava naquele momento os seus esforços em empurrar o caixão apenas com o braço esquerdo, o que forçava os colaboradores a dissimularem um certo embaraço.

Na escuridão, Marcello procurava Tiago com insistência. Mas o terceiro rapaz não se vislumbra, e o tutor não se resolvia a chamá-lo.

— Não viste onde se meteu o outro? — perguntou Carola.

Elda cambaleou perante aquela interpelação sem aviso prévio, abanou a cabeça.

— Estou aqui — e um jovem de cabelo castanho-claro chegou-se à frente, como que a indicar que não receava mostrar-se. Tinha boa aparência, mas adoptava uma atitude tão distante, que afastava as atenções. Não parecia interessado em ajudar os companheiros naquela tarefa ingrata, mas também não se coibia de observar a cena. Carola desafiou-o:

— Olha lá, e que tal irmos ali dar uma ajuda? Que te parece, Tiago?

Tiago, pelos vistos, era capaz de aguentar o olhar firme de Carola sem perder a pose displicente.

— Parece-me bem. Afinal, eu é que fico a ocupar o lugar do morto.

*

Fora necessário ao coveiro mais tempo do que o previsto para terminar o trabalho, e, enquanto ele alisava agora a terra, o tutor mantinha-se junto à sepultura. O serviço ia ficar bem feito. Abrandara já a chuva, mas nenhum dos seis impulsores abandonara o abrigo improvisado. Debaixo do telheiro de um jazigo, Elda imaginava a torrente de perguntas que a mãe faria ao vê-la chegar a casa naquele estado. Não havia como explicar que o primeiro dia da filha no Instituto da Bóreas, de que ela decerto tanto se teria gabado junto dos novos colegas de Lisboa, terminava com o enterro de um dos participantes no projecto — mas ainda dispunha de algum tempo para elaborar uma história diferente no caminho de regresso. Naquele momento, até um passeio noturno na carrinha com aqueles colegas que a tinham perfeitamente ignorado lhe parecia uma alternativa decente ao regresso à morada nova.

— Alguma coisa não está bem.

A sentença sussurrada na penumbra assustou-a.

— O quê?

— O Flávio Hirpo morreu de quê? — Carola mantinha um tom de voz baixo, apesar de não estar ali mais ninguém. — Porque é que não veio ninguém da família? E o novo impulsor, este Tiago... Não é normal. Tu sabes o que significa o nome Derves?

Bastava olhar para Elda para perceber que não. Carola resignou-se a explicar devagar, como se falasse a uma estúpida.

— Os Derves estão metidos até ao pescoço na administração da Bóreas, em Copenhaga. Vivem lá. Jantam à mesa com os directores, percebes?

— Achas que eles...? — mas Elda não saberia terminar a frase.

— Ou a avó, Morgana Derves. Pertence ao Conselho da Nação, portanto é quem dá o aval para o projecto. Não achas estranho que o Tiago tenha sido «escolhido» para trabalhar na empresa da família? Assim, por acaso, como «suplente»?

— Ainda não percebi como é que *eu* fui escolhida — arriscou-se a responder a colega. Na verdade, tinha vontade de perguntar em que consistia exactamente o projecto, mas sentia vergonha. Se calhar, era evidente.

— Nem vais perceber. Tudo o que te vão dizer é que é uma «decisão tomada a nível superior», ou coisa assim. Balelas. Olha para nós: o que é que temos em comum?

— Tu e o Bartolomeu, pelo menos... vocês já eram amigos.

Carola impacientou-se:

— Ouve, eu não fazia ideia que ia ser chamada até há dois ou três dias, e ele também não. Não me perguntes porque é que estamos juntos nisto. O Fernão vem de uma família de estivadores em Setúbal, parece-te que tem contactos na Bóreas? A única que sabe em que águas se move é a Brísida — Carola não disfarçou um esgar de desdém. — Apanhei-a há bocado a falar com o tutor, Rest para cá, Rest para lá, armada em engenheira da Bóreas. Mas vem do Porto, não sei que cordelinhos terá puxado.

Se o mau humor de Carola a intimidava, também a fazia sentir-se menos egoísta. Elda não gostava de estar ali, mas quantas raparigas não dariam tudo para estar na sua pele, de modo a livrar-se de uma má atribuição?

— E tu... — o rosto de Carola indicou a aparição de uma suspeita. — Tu também não sabias nada, pois não? Quando é que te informaram do projecto?

— Como tu, quando ia receber a atribuição. Há dois ou três dias.

Mas era mentira.

2.

Fora cerca de duas semanas antes.

A notícia espalhará-se pelos corredores do liceu à velocidade própria dos acontecimentos extraordinários: um estrangeiro queria falar com Elda Visco. «Com

quem?», repetiam os alunos. Um forasteiro no recinto, poucos dias antes de serem reveladas as atribuições, dava azo às mais variadas conjecturas — mas que ele tivesse designado explicitamente aquele nome era ainda mais intrigante. Quem era Elda Visco? Esforçavam-se por identificá-la, as pistas contradiziam-se. Era uma finalista, de facto, mas dava pouco nas vistas. Ninguém a conseguia descrever.

— Olha lá, a tua amiga meio loura não se chama Elda?

A pergunta fora feita como uma agressão a Cinira Cal, a coitadinha do grupo C. Havia uma expectativa malsã nos rostos daqueles rapazes que raras vezes lhe tinham dirigido a palavra anteriormente.

— A Elda? É minha prima. Porquê?

— Um gajo estrangeiro quer falar com ela. Em que é que ela se meteu?

O Liceu D. João III, rebaptizado de Coimbra, ficava no limite da área habitada, a poucos metros do muro. O espaço do edifício fora repensado, como o de tantas outras estruturas actuais da cidade, e alas inteiras tinham sido atribuídas a serviços administrativos externos. O certo é que o número de alunos não chegava a encher as salas de um só piso. Bastava percorrer os corredores para compreender que, com tantos compartimentos vagos, ainda havia margem de manobra.

Como de costume, Elda deixava passar os trinta minutos do intervalo maior no seu canto. Eram umas escadas inúteis no terceiro piso, que permitiam aceder a duas salas pequenas e atafalhadas de trastes: registos obsoletos, telas cheias de pó, livros sem qualquer serventia nos tempos que corriam. Um memorial do que a escola fora em tempos idos. Ninguém tivera a coragem de mandar desocupar aquelas divisões esconsas, de difícil acesso, fosse porque não ofereciam muitas possibilidades de reutilização, fosse porque a má consciência impedia a destruição dos últimos resquícios do passado. Tinham sido fechadas à chave e esquecidas.

Raramente, pois, aqueles degraus eram visitados por outra pessoa. A lâmpada de presença estava partida havia meses, mas ainda ali chegava uma réstia de luz natural, graças a uma velha clarabóia enegrecida de alcatrão. Ninguém se lembraria de a procurar ali num intervalo — bem, ninguém se lembraria de a procurar. Elda tacteou a incisão na parede: «E. V.». Gravara aquelas iniciais com um canivete num momento difícil (havia dois, três anos?), e davam-lhe sempre alguma coragem. Vira alunos sofrerem punições graves por muito menos, mas o risco de ser apanhada era agora residual. Daí a poucos dias, abandonaria de vez o liceu. No termo do último semestre de estudos, os finalistas

recebiam a atribuição, que ditava o trabalho a exercer no futuro. O lugar de cada um na sociedade ficava definido no ano em que cumpriam dezassete anos.

— Elda? Estás aqui? — Como sempre, Cinira tinha dificuldade em orientar-se no esconderijo, demasiado apertado para ela. — Andam à tua procura.

*

— Isto é inesperado e tem de ser confuso para ti. Sei isso. Período da atribuição, estás pensativa com futuro... é normal. Agora um estranho que não sabes pede de falar contigo. Mas não preocupas-te. Vai gostar o que tenho para dizer-te.

A sintaxe esdrúxula de Marcello Galvano acordava-se com o seu sotaque: não perturbava realmente a comunicação, mas estava sempre presente. Poucos minutos depois, Elda já nem fazia caso, era como se toda a gente falasse assim.

Andaria pelos quarenta, ou talvez menos: se já por norma ela se sentia incapaz de atribuir uma idade aos seus interlocutores, naquele caso era impossível arriscar um juízo. Além do discurso, alguma coisa o fazia distinguir-se dos restantes adultos, como se, para cada traço que nele se quisesse afirmar, um contrário se impusesse. No seu rosto quadrado, sem dúvida um rosto de homem, uma extravagante jovialidade manifestava-se através do sorriso franco e de uns olhos vivos, já circundados pelas rugas. Densos cabelos castanhos, entremeados aqui e ali por fios brancos, pareciam querer irromper em desordem, apesar de domados com gel. Vestia um irrepreensível fato completo cortado à medida, mas os óculos eram finos, e aligeiravam a postura um pouco rígida. O conjunto transmitia uma vaga sensação de incongruência.

Encontravam-se na antiga biblioteca, reconvertida em sala de preparação para o Rest. Do conjunto de vidraças em forma côncava dava para ver a avenida modorrar na manhã. A cobertura de vidro-núbilo que protegia a cidade filtrava uma luz baça, insuficiente, e Marcello vira-se obrigado a acender um candeeiro. Elda mantinha-se em silêncio. Aguardava.

— Não conheces o Rest ainda, quer dizer, não te ligaste — decidiu-se ele.

— Não. Isso vem com a atribuição.

— Certo, certo. E Bóreas, sabes o que é Bóreas?

Elda desviou o olhar para os módulos agrupados na sala de preparação. No fundo de cada poltrona metálica, um círculo aberto quebrado por um traço, o mesmo do módulo que a mãe tinha em casa: o símbolo da Bóreas.

— É um tipo de Rest? — Via-se logo que falhara a resposta. — Não, é...

— Bóreas permite o acesso. É a agência que fornece o Rest para todo Bloco sino-europeu. Sabes isso.

— Sei. — Elda não compreendia o que aquilo significava. Cada bloco de gestão tinha o seu fornecedor? Estudava aquelas coisas nas aulas, mas esquecia-se sempre.

Ainda fantasiava mais do que compreendia as potencialidades do próprio *Restauratio*: embora o programa uniformemente cumprido pelas escolas dos países do Bloco fosse impraticável sem as aplicações do sistema, o acesso ao «melhor dos mundos» continuava a ser uma prerrogativa dos adultos. Um paraíso privado para compensar a atribuição.

— Mas Bóreas não é só agência, também é centro de investigação — prosseguiu Marcello. — Desenvolve o sistema, faz *ricerca*. É uma empresa europeia, não depende do governo chinês. Os escritórios são na Copenaga, como sabes, mas cada país tem um filial, lógico. Estás a seguir-me? E o filial português, também sabes, está em Lisboa.

Tudo estava em Lisboa, isso já se sabia. Que significava aquela conversa?

— Elda, eu estou aqui porque tu foste escolhida para trabalhar em Bóreas. Daqui a dias. Vais participar a um projecto.

— Eu... na Bóreas? Mas é a minha atribuição...?

— Não. Até a Escola não sabe isto ainda, é uma decisão tomada a nível superior. Temos o apoio do Conselho da Nação, então a última palavra. Este ano não vais ter atribuição. Tu não, e nem menos outros como tu, porque não vais estar sozinha... Eles foram escolhidos também, vão ser contactados para agentes de Bóreas. O projecto funciona com vocês: são seis, os seis impulsores.

O que era um impulsor? De que projecto falava aquele homem? Por quem e porquê fora escolhida, e para fazer o quê? Quem eram os outros participantes? Todas estas perguntas passaram pela cabeça de Elda, que não foi capaz de expressar nenhuma.

— Tens de ter muitas perguntas agora, sei — adivinhou o homem à sua frente. — Mas por enquanto posso só dizer esto: o projecto tem que ver com futuro do Rest. Vês que é importante. Certo que tens de ir para Lisboa. Um agente vai chegar e tratar da tua mudança, vão dizer-te o que deves contar à gente. Não deves falar do projecto a ninguém, entendes?

— Entendo. Não... não vou dizer nada. — reagiu Elda, ao fim de uns segundos.

— Eu sou tutor do projecto, vou estar sempre perto. Os outros... olha, todos são importantes e vocês vão trabalhar juntos, mas... há dois de vocês que eu tenho de olhar

em especial. É por isso que fui aqui pessoalmente. Talvez vais conhecer os outros impulsores antes que me voltas a encontrar, mas eles não devem saber que eu fui aqui. Melhor dizer que um agente de Bóreas foi aqui. Está bem?

Elda anuiu. Quando sentia que recebia demasiada informação, dizia que sim a tudo, depois processava.

— Tudo vai andar bem, podes ter certeza — garantiu Marcello, com um sorriso.

O discurso era atabalhado, mas aquela última frase fora dita num tom seguro. Elda sentiu que podia confiar nele, ainda que, no fim de contas, não lhe tivesse dado nenhuma explicação convincente. Viu-o levantar-se, concluiu que o encontro tivesse terminado e preparou-se também ela para sair.

— A outra pessoa... — perguntou ela então, sem saber porquê —, disse que além de mim tinha de olhar por um outro desses seis... como é que ele se chama?

Marcello hesitou, passou os dedos pela cova do queixo. Mas fora a única pergunta que ela lhe fizera, devia-lhe ao menos uma resposta sincera:

— Flávio Hirpo.

*

Não tivera tempo para pensar no que aquele recrutamento significava para a sua vida. Mas tivera tempo para terminar o Liceu, para escapar às jornadas das atribuições, para concluir as tarefas de trabalho comunitário que lhe cabiam. Como Marcello antecipara, um agente da Bóreas fizera-lhes uma visita. Os termos com que este expusera a situação eram pouco menos enigmáticos do que os de Marcello, mas isso parecera bastar para encher Júlia Visco de satisfação. Tal como a mãe, Elda recebera instruções precisas quanto ao que devia ou não revelar aos seus próximos, mas não perdera tempo a memorizar discursos. Acreditava mais nas virtudes do silêncio e na sua capacidade de esquivar-se a perguntas complicadas, em que tinha treino suficiente. Desse modo, até para si mesma conseguira ocultar a realidade da mudança.

Foi apenas dois dias antes da transferência para Lisboa que a mãe a chamou ao quarto para uma conversa «entre mãe e filha». Tinha algo para lhe revelar, e fazia apelo à sua compreensão, agora que Elda manifestara de forma inequívoca e até certo ponto surpreendente — «ou antes, discreta, o que é uma arte bem mais difícil» — o seu justo valor. Começou por lembrar que abdicava do seu emprego na direcção de serviços, em prol do futuro da filha. Elda nunca percebera ao certo o que a mãe fazia, e restava-lhe

acreditar quando afirmava que o novo cargo na capital lhe era ligeiramente desvantajoso. Mas outro factor, acrescentava Júlia, confirmava ser aquele o passo correcto a dar: com efeito, havia já alguns meses que retomara o contacto com Albano, o ex-marido.

Elda não via o pai há dez anos, desde que este deixara a família para se instalar em Lisboa, onde conseguira um bom contrato como gestor energético. Na verdade, nem recordava muito bem a sua figura. Calculava que a separação tivesse sido feia, tendo em conta os termos com que toda a vida ouvira a mãe referir-se-lhe na narrativa que compunha e em que assumia o papel de vítima e heroína.

Mas já notara que, nos últimos tempos, a versão se vinha alterando. Segundo o discurso actual, afinal a ruptura fora um acordo de pessoas sensatas, dadas as circunstâncias do momento. O pai sempre se interessara pela filha, contribuía para o seu crescimento e mantivera-se presente à sua maneira. «Sabes que o teu pai nunca teve quem o ensinasse a ser pai», lembrava Júlia. Elda apercebera-se também de que, semanas antes, ao regressar de uma folga de cinco dias, a mãe fora buscá-la a casa de Cinira mais sorridente e bem-humorada do que o normal. É que decidira com Albano que pediria uma transferência para Lisboa de modo a retomarem a vida comum. A manobra anunciava-se difícil, mas a convocatória da filha surgira no momento mais oportuno, e a influência da Bóreas fora decisiva na defesa dos interesses da família.

— A vida às vezes prega-nos partidas — concluiu Júlia.

E que partida. Nessa noite, enquanto a mãe se ligava ao Rest, Elda atravessou a rua, à luz mortiça das lâmpadas, e foi desabafar com Cinira. Desde a conversa com Marcello que partilhava o dia-a-dia com a prima num estado de semiausência. Impingira-lhe sem convicção as desculpas com que fora instruída, e Cinira soubera aguardar o momento da franqueza. Agora, confiava-lhe tudo: o projecto na Bóreas, a ida para Lisboa, aquela imprevista recomposição familiar. Só então se deu conta de que nos últimos dias se empenhara em remeter para o domínio do sonho o que era uma alteração radical na sua vida. Na verdade, não havia nada a que se pudesse agarrar em Coimbra, nenhum sucesso, nenhuma perspectiva, nem sequer uma boa recordação. Mas, face à iminência da transferência, deixava-se invadir por uma angústia irreprimível. Não perdia muito, mas perdia o pouco que tinha: a certeza do quotidiano, o seu espaço.

— E o pior é que vamos ficar longe uma da outra. Tenho andado a não querer pensar nisso, mas... — Elda emudeceu.

— Vais ver que corre tudo bem. Já sabíamos que isto ia acontecer, não podíamos ficar para sempre no liceu. E tu conhecias os meus planos.

Cinira requerera o Abnego: optava assim por um futuro de devoção à comunidade, consumido nas tarefas mais prementes de apoio social. O direito a essa escolha, consagrado pelo Conselho da Nação, sobrepunha-se à atribuição. Pouquíssimos jovens se decidiam por tal via, mesmo quando a profissão que lhes era destinada lhes parecia insuportável. Requerer o Abnego, acção que não era reversível no período de dois anos, implicava uma vida de sacrifício, desconforto e solidão. Significava também prescindir do Rest. Só quem conhecesse Cinira (mas quem a conhecia além de Elda?) compreenderia a sua renúncia.

— Tens razão. E, se calhar, trabalhar na Bóreas não é assim tão mau.

Cinira torceu o nariz. Elda conhecia as ideias da prima sobre o Rest. Não ia entrar naquela discussão.

Na manhã da partida, Elda observava pasmada os grãos de chicória dissolverem-se na sua caneca de água quente quando ouviu tocar o intercomunicador do apartamento. Levantou-se da mesa da cozinha e disparou para o quarto, onde fingiu ocupar-se de algum preparativo de última hora. Era inútil, Júlia aproximou-se em passinhos lentos, de sorriso embevecido e olhar triunfante. Não havia como escapar.

— Já chegaram. O mundo à tua espera, filha!

Uma larga carrinha escoltá-las-ia a Lisboa pela estrada única que ligava agora a dúzia e meia de cidades portuguesas, quase todas dispostas na faixa litoral. Elda pegou na mala. Abandonava a casa onde habitara desde sempre — ou pelo menos assim lhe parecia —, sem olhar para trás.

3.

O despertador vermelho na mesa-de-cabeceira, para que olhava espedada havia dez minutos, vinha da sua vida anterior. Tudo o resto era novo. A cama estava feita com lençóis de linho, a cómoda tinha espelho, o rádio apanhava estações diferentes. Do seu quarto, Elda dispunha até de uma janela para a Duque d'Ávila. Debruçada ao parapeito, levantou os olhos para as placas resinadas, de fabrico chinês, que cobriam a cidade. Uma luz fosca e granulada perpassava pelo vidro-núbilo. Sem esse filtro, ela não duraria muito tempo naquela postura — ou duraria? Quantos minutos de exposição aos raios solares seriam necessários para tornar irreversível...

Só então lhe bateu: o cemitério na véspera; Flávio Hirpo morrera. Podia ter sido Carola ou Bartolomeu, ou Brísida, ou Fernão. Tanto quanto sabia, podia ter sido ela

própria. Afundou o rosto nas mãos, concedeu-se um instante de alheamento. Dormira mal toda a noite, com pesadelos, o peito a palpitar, sem jamais conseguir tocar o que lhe doía.

Claro que, ao chegar a casa na noite anterior, não contara nada daquilo. Inventara um programa convincente para um primeiro dia e, para o atraso, alegara uns exames na ala hospitalar do Instituto. De qualquer modo, a mãe era a melhor fonte de inspiração: Júlia fazia sempre acompanhar as perguntas das respostas que mais desejava ouvir.

— É hoje que te ligas? — quis saber, ao pequeno-almoço, aquele pai regressado dos mortos. Com ele, era outra conversa. Elda sentia que a estudava com um olhar ao mesmo tempo carregado e divertido, como se a considerasse uma ameaça que podia neutralizar com facilidade. Num segundo, vinham à tona entoações, trejeitos, sons apagados havia muitos anos. Impossível jogar com as mesmas cartas.

— É hoje, é.

— Vê lá... — recomendou ele, num tom dúbio, antes de se levantar da mesa.

Um novo primeiro dia aguardava-a. Apanhou o tapete móvel que a transportaria às instalações da Bóreas, esforçando-se por repetir o trajecto da véspera. Estava no centro daquele sistema de corredores, um labirinto pejado de sinalizações contraditórias que percorria a capital. Lisboa tinha a forma de um mutante: abrangia a norte as avenidas largas, delimitava-se em linhas rectas a este, de Alvalade à avenida Almirante Reis, dava a volta nos Mártires da Pátria para seguir à Rotunda, depois negociava umas bolsas de habitação a oeste, Campo de Ourique, Campolide, Sete Rios. Poucos edifícios furavam em altura a cobertura que protegia o enclave. Era o caso, precisamente, do Instituto da Bóreas, que ocupava por si só todo o antigo Parque Eduardo VII.

Na véspera, encontrara um agente da Bóreas à sua espera no átrio do edifício, com uma lista na mão: Elda Visco, Bartolomeu Trenas, Carola Jurado, Fernão Marte, Brísida Quife. Fora escoltada por escadas e elevadores, mas passara a maior parte do dia sozinha, num compartimento fechado, a fantasiar aqueles nomes. Os colegas, descobriu mais tarde, aguardavam pela chamada do tutor em quartos contíguos. Que o atraso se devesse à morte de um deles não lhes passava pela cabeça.

Agora, não havia ninguém ali. Do posto elevado podia observar, por uma larga janela, o que fora em tempos o centro de Lisboa. Em primeiro plano, já fora das muralhas, a estátua do Marquês de Pombal resistia ao tempo, contemplava as ruínas actuais; ao longe, o castelo que o ditador Salazar decidira reconstruir no século XX era um toque de ironia na paisagem abandonada. O Tejo tornara-se um ponto de fuga para prédios desabitados, muros derruídos e estradas descuradas que pareciam querer atirar-se ao rio;

mais além, na outra banda, envelheciam ao sol restos de cidades hoje desertas. Apesar de tudo, nenhum cataclisma desfigurara a capital, que, à superfície, se afundava numa decadência suave. Era possível, com um certo poder de abstracção, descobrir naquele panorama o aspecto pacato de antigas fotografias.

Mas Elda, que pouco sabia sobre Lisboa, concebera-a como uma vasta metrópole. Contava deparar-se com uma réplica das célebres imagens de capitais devastadas por bombas ou ataques subsequentes. De certa forma, a surpresa daquele panorama constituiu o choque em si, pois estava preparada para a visão do desastre mas não para um cenário de triste declínio, que não revelava mais do que solidão. *Nem tudo está perdido*, pensou, e por um momento teve vontade de atravessar o vidro e descer a cidade fantasma.

*

Em vez disso, dirigiu-se à recepção e deixou-se perscrutar por uma câmara.

— Venho pelo projecto — anunciou. Não fazia ideia de que outra frase poderia acrescentar caso aquela não funcionasse como senha. Mas, passados poucos segundos, abriu-se a porta de um elevador. Elda desceu ao piso inferior, aventurou uns passos no corredor branco, sem indicações.

— Também andas à procura? — perguntou uma voz seca, sem rodeios. Era Fernão, o braço dissimulado nas dobras do casaco. Parecia largado num mundo desconhecido, tal como ela.

— Eu... Não sei onde é. A sala.

— Já ando aqui às voltas há que tempos. A ti também ninguém se lembrou de dar indicações? Bela organização... — Elda fez um sorriso tímido, faltavam-lhe as deixas. Fernão continuou a queixar-se: — Estamos lixados. Ao menos, os lisboetas sempre se podem orientar um ao outro.

— Também há a Brísida — lembrou ela, um pouco confusa.

— Pois. Não me parece que a Brísida seja rapariga para partir com desvantagem para nada. Acredita, nós os dois é que andamos de esquelha.

Disse aquilo com um delicioso sorriso sarcástico. Não era um sonho: ele estava mesmo a pô-los em pé de igualdade. E era verdade que partiam coxos: não tinham cunhas, nem história, estavam por conta própria.

Como evitar que aquela revelação perdesse força? A ideia passou-lhe depressa da cabeça à boca:

— E se eu te disser que estou mais por dentro disto do que julgas?

— Hã? — ele continuava a sorrir, mas ficara intrigado.

— O Marcello: e se eu te disser que já o conhecia? — Podia surpreendê-lo com aquelas palavras e saborear a sua reacção. Mas Fernão não reagia; aguardava um contexto. — E que já sabia... por exemplo, já sabia que o Flávio estava no projecto?

— Já sabias? — O rosto do rapaz fechou-se. — Mas sabias o quê exactamente?

Ora, exactamente, Elda não sabia nada. A situação era essa. E de repente percebeu que o que estava a fazer era pueril. Dizer «o Flávio», como Brísida... Lembrou-se de que prometera a Marcello não revelar a conversa de Coimbra. Metera-se por um mau caminho, era forçada a retractar-se.

— Não, não sabia nada. Estava só a gozar...

— Ah. — Fernão retesou os lábios, como se tivesse chegado a uma conclusão desagradável. — Olha, deve ser ali.

Os outros estavam todos à porta, tinha de ser aquela a «sala de impulsão». Bartolomeu foi o único a levantar uma mão na direcção deles. Elda procurou o olhar de Carola, que continuava com um ar entediado. Brísida desemaranhava com calma as longas tranças. E Tiago mantinha-se afastado, com um pé contra a parede.

A maçaneta rodou sozinha, e Marcello fê-los entrar. A maior parte do espaço disponível na sala era ocupada pelos módulos de ligação, seis largas cápsulas metálicas de cobertura transparente, conectadas entre si através de cabos. Impressionados, os impulsores espalharam-se pelo local em observação. Elda deslizou a mão pela superfície esverdeada de um daqueles compartimentos: nada tinham que ver com os aparelhos estreitos que conhecia. Junto ao que parecia ser um painel de controlo, Marcello apreciava a reverência com que os jovens estudavam os seus futuros abrigos.

— Estes módulos ligam-se ao Rest? — Brísida encarou o tutor, tentando controlar o entusiasmo. — O que é isto?

— Isto é o futuro. *Benvenidos* ao Rest.2.

4.

— Estás a ver? O que é que eu te disse? Era suposto o Tiago estar aqui, não era? Onde é que ele está?

— O quê? Não sei, era suposto? Há tanta luz...

As ondas rolavam na areia, havia já algum tempo, mas Elda demorou a conseguir distinguir a orla do mar. Àquela hora, a praia era um clarão. Sofria com o sol, os raios fustigavam-lhe a pele. Carola não parecia incomodada.

— Sinto-me a a arder. Carola...

— Já passa. Protege-te debaixo do guarda-sol.

Resguardou-se à sombra, e a colega passou-lhe uma garrafa de água. A cada gole, Elda regressava um pouco mais à realidade. Tinha de hidratar-se, um corpo é oitenta por cento de água — ou já estava a aumentar o valor? A paisagem tornava-se mais nítida. Fernão molhava os pés junto à falésia, onde a ribeira desaguava no oceano. No casario pousado no morro, ao longe, identificou dois vultos: Bartolomeu e Brísida. Não se via mais ninguém. Mas andava por ali um cão, Carola andava a brincar com um cão pouco antes, ou sonhara? Agora já não havia cão nenhum. À sombra estava-se melhor, mas não sossegava. Havia algo de inusitado naquela ida à praia.

— Há tanto tempo que não via o mar.

— Claro, nem tu nem eu — retorquiu Carola. — Isto é Odeceixe. Acho que já aqui vim, há imenso tempo. Não sei, se calhar estou enganada.

— Com a escola?

— A escola!? Estás doida? Viemos com a minha avó. Eu e a minha irmã.

— Ah, tens uma irmã?

Carola demorou a responder, mas agora era tarde para recuar.

— Tinha. Uma irmã gémea, a Mónica. Morreu.

— Oh, desculpa!... Não sabia. Há muito tempo?

— Foi... Dois anos? — O coração parou-lhe. Como podia não se lembrar?

Como se tivesse encontrado uma solução para o problema, retirou da mochila um saco com alperces, passou um por água antes de o oferecer a Elda. Pela primeira vez, não parecia arreliada pela presença da colega.

Mas o calor enfraquecia Elda, havia tanto tempo que... E o mar, quando é que o vira? Tentou situar-se na infância, em Coimbra, mas não lhe apareciam imagens de praia. Pensou na mãe, no pai, nada. Lembrou-se de Cinira, também agora irremediavelmente parte do passado. Para onde fora? Quando tinham estado juntas pela última vez?

— Sabes, eu também tinha... Era assim como... mas já não está comigo. Chamava-se Cinira.

Carola cuspiu um caroço, abriu os olhos perante a revelação surpreendente.

— Uma irmã? Tinhas uma irmã? Que também morreu?

Elda passou a mão pela testa transpirada. Já não sabia se Cinira era mesmo uma irmã, não se lembrava bem dela como uma irmã, mas Carola parecia encorajá-la. Terem essa perda em comum aproximava-as, tornava aquele momento mais verdadeiro. Como não estragar tudo? Assentiu com a cabeça.

— Foi há pouco tempo. Acho que antes disto, do... antes do projecto.

O projecto? Em que pé estava isso? A sua própria voz parecia-lhe agora mais distante, e pequenas falhas brancas começavam a interferir com o seu campo de visão.

— Que calor... Não me sinto lá muito bem — queixou-se Elda.

— Precisas de beber mais. Toma. O teu corpo é sessenta por cento de água.

Forçava-se a resistir mas sentia-se atordoada, cega pela luminosidade do dia. Se ao menos não estivesse tão confusa. Encontrarem-se naquela praia, agora que tinham de trabalhar na Bóreas, não fazia sentido nenhum.

Ali, no mar, era um rapaz a afogar-se? Ou estava a delirar?

— Aguenta, Elda, não desmaia.

Delirava com certeza: era a voz de Marcello que ouvia.

*

Tinham-lhe falado do travo a sal na língua, mas não havia palavras: era preciso experimentar. Bartolomeu afastava-se cada vez mais da costa, impulsionava o corpo maciço, que nunca tinha sentido tão leve, tão fluido. Esperara a vida toda por aquele momento: nadar no mar. Anos a treinar-se na piscina estreita, suportando o cheiro a cloro, sempre com a sensação desagradável de uma linfa colada à pele. *Isto é a sério*, pensou, e deixou-se invadir pela euforia. A água era o seu verdadeiro elemento.

À beira-mar, Fernão seguia o percurso do colega, viu-o dar meia-volta. Estava um calor absurdo. Punha os pés na água fresca e também tinha vontade de se lançar ao mar, mas nunca aprendera a nadar. E de qualquer modo, por mais que o sol batesse, não queria despir a camisa. Onde poderia proteger-se? Subiu o olhar pelas escarpas à sua direita: os rochedos não ofereciam nenhuma sombra àquela hora. No alto da falésia, deparou com um rapaz moreno, vestido de preto, que parecia observar também ele Bartolomeu. Então, não estavam sozinhos. Se seguisse o curso da ribeira, encontraria o caminho para chegar lá acima; mas ainda era uma volta, e não via razões para se dar ao trabalho. Virou-se para trás: a meio da praia, Elda e Carola comiam alperces, debaixo do guarda-sol. Havia espaço para mais uma pessoa à sombra; só que as raparigas iam perguntar por que não se punha

em tronco nu, preferia evitar isso. Avaliou a distância até às escadas que conduziam ao casario ao abandono. Mas era ali que se encontrava Brísida; e isso não.

Brísida era o tipo de rapariga que não lhe interessava. Conhecera outras assim, miúdas perfeitas que sabiam sempre para que lado soprava o vento e dispunham de palavras e sorrisos certos para cada ocasião. Bastava-lhes um olhar imperceptível para avaliar de que massa eram feitos os seus interlocutores e decidirem se valia a pena relacionar-se com eles ou não. Regra geral, não lhe davam grande crédito, e por ele tanto melhor.

Com um sorriso extasiado, Bartolomeu já se aproximava da costa.

— Devias dar umas braçadas — sugeriu ele. — O mar está incrível.

— Não sei nadar — esclareceu Fernão.

— Ah, não? Queres que te ensine?

Por um momento, Fernão pensou que o outro estivesse a gozar com ele. Mas a proposta parecia genuína. Aquele rapaz não tinha peneiras.

— Fica para a próxima.

Odeceixe era o Sul, sentia-se em casa. Tinha vontade de dizer isso a Bartolomeu, mas o colega, ainda ofegante, estudava a praia com preocupação. Trocaram um olhar significativo, como se compreendessem que havia ali um problema.

— O que é que tu achas? — perguntou Bartolomeu.

— De quê? O projecto, queres tu dizer?

— Também. Não tenho a certeza. Parece que já começou. Ou não?

— Achava que só eu tinha dúvidas — confessou Fernão.

— E depois, quem era o rapaz que levámos a enterrar? Foi má onda começar assim. Achas que foi decisão do Marcello?

— Não percebi a ideia. Mas também não percebo metade do que ele diz.

— *Mesmo é.* — Bartolomeu imitou o sotaque do tutor, e os dois riram-se. Ambos sabiam, no entanto, que não era essa a parte difícil de entender.

— É como jogar um jogo sem saber as regras — resumiu Fernão.

— Tal e qual. E as miúdas? Como é que achas que se estão a dar com isto?

— As outras duas, não sei, mas a Brísida... está nas nuvens. — Fernão apontou para o cimo do morro: — Não pára de olhar para ti. Até parece que vai levantar voo...

— Estás a falar a sério? — surpreendeu-se Bartolomeu.

— Está à vista. Se duvidas, basta ires falar com ela.

Bartolomeu hesitou. Sabia que havia um impedimento, mas qual era?

— Acho que vou nadar mais um bocado.

Isso, ao menos, não era complicado.

*

Do alto do morro, era possível observar Carola no areal. Brísida sentia-se aflita, com a sensação de que alguma coisa escapava à compreensão.

— O que é que ela está a fazer? — perguntou a Bartolomeu, sentado a seu lado.

— Aquilo é um cão, ali com a Carola?

— Claro que é. Não te preocupes, está tudo bem.

Um cão? Como se aparecesse agora ali um cavalo! Brísida insistiu:

— Mas não pode ser, os cães já não existem. Hã?

— Aquele cão não faz mal a uma mosca — Atrapalhado, Bartolomeu arrumava o assunto com aquela sentença. — Ela devia era atá-lo à sombra, assim não está bem...

— E nós? Também não devíamos... — O sol batia-lhe na pele, um calor novo para si. As casas amontoavam-se mesmo ali ao lado: porque é que não procurava abrigo, porque é que não fazia nada? Era como se tivessem simplesmente ido passar um dia à praia, Elda e Fernão conversavam lado a lado à beira-mar, sem sequer um chapéu. E Marcello, não deveria estar com eles? Não era muito sério tê-los deixado sozinhos.

— Eu já estive a nadar— informou Bartolomeu —, deu para refrescar.

Não era esse o problema. Mas agora Bartolomeu esticava o corpo na relva, com um suspiro de prazer, quase como se tivesse acabado de sair da água. Estava um dia lindo, via-se dali a praia toda. Se ela conseguisse entrar no jogo...

— Eu vi. Nadas tão bem! — E deixou-se deslizar também ela a seu lado, apoiada no cotovelo. — Parece que não fizeste outra coisa na vida.

— Pois. Mas é a primeira vez. E não se compara. Se eu pudesse...

— A primeira vez? A sério? Não me digas que... não. Ou...? Tens ideia do que te iam dar como atribuição? — Era uma pergunta à queima-roupa, e Bartolomeu franziu a testa. Não queria ir por ali. Mas Brísida já se lançara: — Eu ia ser engenheira do Rest. Ia não, *vou* ser, mais cedo ou mais tarde. Tenho passado a vida a preparar-me.

— Mas sabes os resultados dos testes? Para a atribuição?

— O meu pai explicou-me o princípio. Ele é matemático, trabalhou para o Conselho algum tempo. Se calhar, nem te devia contar isto... Seja como for, é fácil prever os resultados. Só é preciso perceber o código.

— O código? — Bartolomeu não soube o que dizer. Faltavam ali peças. — Deveser boa a compreender como as coisas funcionam.

Brísida continuava a matutar. Acabara de chegar a Lisboa, mal pousara as malas. Que ideia terem ido para ali! Nem se lembrava de ter prevenido a irmã. Observou o pulso subtil, as veias azuladas, o ossinho saliente. Cingiu-o com os dedos finos, a tomar posse daquele território, friccionou-o devagar. À flor da pele materializou-se uma película finíssima: era a pulseira. Uma extensão mágica do seu corpo, que permitia compor as fórmulas que quisesse. Mas a magia não existia, disse tinha certeza.

Não é um corpo, é um fantasma. Eu sou um fantasma.

A dedução comportava mais perguntas do que respostas, mas Brísida sentiu-se logo vitoriosa, e mais livre. Quanto esforço lhe exigira aquela descoberta!

— Podes crer que sou boa — replicou para o colega, como se a conversa não tivesse sido interrompida.

Horas antes, Marcello afirmara que o novo protótipo do Rest dependia deles para se expandir: os seis impulsores teriam por tarefa testar os limites do modelo. Um belo discurso de propaganda, que não impressionava Brísida nem respondia a perguntas. De que sorteio tinham surgido os nomes deles? E que limites seriam postos à prova?

— Não achas que o Marcello nos devia ter... — Brísida interrompeu a frase, chamou a atenção de Bartolomeu. Do outro lado da praia, na extremidade da falésia, estava uma pessoa. À distância, não dava para distinguir feições, mas era um rapaz moreno, inteiramente vestido de preto, com um blusão de cabedal.

— Como é que ele não tem calor? — admirou-se Bartolomeu.

— Mas parece que... olha, está a torcer-se de dores!

Brísida levantou-se, acenou para o solitário com os braços abertos. O vento estava forte, nenhum grito o alcançaria. Demorariam pelo menos quinze minutos a descer à praia e encontrar um caminho de acesso até ele. Não teriam esse tempo. Num ímpeto, o rapaz lançou-se ao mar.

*

Carola seguiu o cão desde a praia até às várzeas onde a ribeira dava a curva, por entre a vegetação rala. Era um rafeiro amarelado, de olhos piscos. Inclina a cabeça como se avaliasse a rapariga que o fixava. A cada passo que ela dava para se aproximar, o bicho recuava dois, desconfiado. Um cão! Lembrava-lhe outro, parecido, de uma foto

lá de casa. Era o Tugúbio, um rafeiro que pertencera à família, numa altura em que isso ainda era possível. Havia quê, uns sessenta anos? A avó contara-lhes histórias do Tugúbio, quando ela e os irmãos eram pequenos. Histórias de outra era: obviamente, nunca Carola, nem Mónica, nem Óscar tinham posto os olhos num cão. Onde isso já ia...

— Anda cá, Tugúbio. Anda. Então, porque é que não vens? — O cão estudava-lhe os movimentos, esquivo, com a língua de fora. — Tens calor, é? E fome?

Com gestos de encorajamento, estendeu-lhe uma cenoura. Ele farejou na sua direcção, desconfiado, mas já com a cauda a abanar. Carola afagou-lhe o dorso enquanto aquele Tugúbio abocanhava a oferta. Logo o animal começou aos saltos à sua volta, a prestar-se à brincadeira, fê-la soltar uma gargalhada.

— Tugúbio, seu maluco... Quem me dera poder levar-te comigo.

Mal dizia estas palavras, avistou Elda, nas escadas que levavam ao casario, a falar com alguém. Um rapaz moreno, vestido de preto, parecia da idade deles. A colega estava de costas, nada conseguiria deduzir da sua expressão. E já ponderava ir ter com ela quando lhe chegou, de longe, um grito de Fernão. À beira-mar, Brísida chamava por ajuda, num estado de grande aflição, enquanto sacudia um corpo na areia. Sem perder tempo, desatou a correr na direcção deles.

O corpo de um rapaz dera à costa, inerte. Fernão procurava pressionar-lhe o peito com a mão esquerda — mas era mesmo assim que se fazia? Nunca aprendera a administrar primeiros socorros. *Merda, isto não é assim...* Podia causar alguma lesão irreversível com aquelas acções descoordenadas.

— Não pares! Não se deve parar — gritou Brísida, que tomava o pulso do rapaz de roupa escura estendido na areia.

— Não sei como se faz — confessou Fernão. — Carola...

Carola abanou a cabeça, e num segundo percebeu que com o gesto confirmava a sentença de morte do desconhecido. Naquele instante, com grandes passadas, Bartolomeu saía do mar. Criaram espaço para ele, que tinha treino específico, e Carola esperou que ainda fosse a tempo. Mas era tarde demais.

— Como é que sabes o meu nome? — insistia Elda, no mesmo exacto momento, diante do rapaz vestido de preto. A presença de um estranho no meio das escadas perturbava-a, ainda que não houvesse razão para supor que a praia fosse só deles.

— Sei perfeitamente quem tu és, já vos estou a observar há um bom bocado. É normal, da primeira vez é sempre confuso. Depois, fica mais simples.

Elda pensou em fugir. Se descesse as escadas a gritar, quanto tempo até os outros acorrerem? Não se decidiu. Perguntou:

— Isto, a praia... O que estamos aqui a fazer? Tem que ver com o projecto?

— Isto *é* o projecto. Não te impressiones, não dá para impedir o acidente. Hoje tu não podes fazer nada. Mas mais para a frente *é* contigo que vou contar. Tu *és* fundamental, Elda, só tu. És o elemento mais importante do grupo.

Assustada com o vaticínio, Elda olhou para a praia, em busca de auxílio. Foi quando constatou, com horror, que os quatro companheiros tentavam reanimar um corpo. Intuiu logo que o vulto vestido de preto era o do rapaz com quem falava. E, de facto, quando se voltou de novo para ele, já não havia ninguém nas escadas.

5.

— Elda, anda lá.

No início, só uma voz; aos poucos, o rosto de Marcello tornou-se real, à luz artificial das lâmpadas da sala de impulsão. A mão quente dele, pousada no seu ombro: ainda não tomara total consciência de onde estava. Fechou de novo os olhos, embora uma parte de si já soubesse que não era possível persistir naquele abandono.

— Tudo está bem, anda lá — e Elda compreendeu enfim. Não havia sol, mar, não havia praia; e nem o seu corpo experimentara nada daquilo. Fora o Rest. Vivera as horas na praia de Odeceixe por intermédio do seu fantasma, a entidade que a representava virtualmente.

Apoiou os dedos nos contornos do módulo, sentou-se direita. O toque áspero do metal, a luz fria, o ar pesado — tudo contrastava com as sensações que havia pouco tomara por autênticas: o gole de água, a densidade da areia, o calor no rosto... Experiências ao mesmo tempo reconhecíveis e únicas, tão diferentes de tudo o que vivera, tão empolgantes na sua impossibilidade. O novo protótipo de mundo virtual desenvolvido pela Bóreas proporcionava uma qualidade de simulação extraordinária, mas as experiências divergiam, constituíam em si mesmas uma realidade.

Girou a cabeça, entre náusea e assombro. A seu lado, os colegas debatiam-se com o regresso, como ela. Bartolomeu fixou-a com olhos baços de animal ferido: era uma testemunha, a prova de que não viajara sozinha. Era essa aliás a promessa do Rest.2, a possibilidade de interacção entre vários fantasmas. Uma rede em potência, prestes a revolucionar a experiência da virtualidade.

— E o Tiago? — Elda contava com a presença de Marcello a seu lado, mas o tutor já a abandonava para alcançar a cabeceira da mesa de reunião.

— Não conseguiu ligar. Agora, anda, levanta. Tempo para falar.

E Elda seguiu os impulsores, instalou-se à mesa, com pernas bambas, o olhar no chão. Estavam todos sob choque, envoltos em mantas, em silêncio. Passaram minutos antes que Fernão soerguesse o rosto lívido e desse voz ao anseio comum:

— Isto vai ser sempre assim?

— Não. A primeira vez é especial, já disse hoje de manhã. Vocês não sabem onde estão, e mesmo pode tornar-se particular, com vários tempos misq... *misquiados*? Tudo a acontecer simultâneo, fora de ordem. Da próxima vez não, vivem tempo normal, têm consciência.

— Eu sei, não é isso — precisou Fernão. Não tinham ido ao engano, sabiam desde a preparação do liceu que só a frequência continuada trazia a perfeita consciência do simulacro e um domínio completo do jogo. — O que estou a perguntar é se é normal ver gente a morrer à nossa frente numa ligação.

Falava em nome de todos, e todos olharam para Marcello.

— O que vocês viveram é intenso. Percebo que estão confusos, que estão... *esconvoltos*?, enfim, perturbados. Mas... mas não foi *real*.

As palavras provocaram consternação; pelo rosto parado de Brísida, rolou uma lágrima. Bartolomeu reagiu de modo desabrido:

— Não está a perceber, aquele rapaz morreu às nossas mãos. O Marcello não viu. Ou por outra... — Cerrou os punhos ao lembrar-se de que Marcello pudera seguir tudo o que se passara no visor. Para o tutor, uma ligação de interação era um filme plural, que conjugava várias perspectivas. E eles eram as personagens. — Porque é que isto aconteceu? Nenhum de nós queria assistir àquela cena. Quem decidiu isto?

— Não há resposta — admitiu Marcello. — O que estamos a fazer é novo. Este não é o Rest normal, é o Rest.2. Não tudo é previsível, não há... não há controlo total. Com tantos fantasmas, se todos queriam que era ao modo seu, era o fim.

Ninguém percebeu o que Marcello, no seu português atamancado, apresentava como uma evidência. Brísida decidiu-se a intervir:

— Numa ligação individual, quem decide é o utilizador. O Rest segue *uma* vontade. Mas se há vários fantasmas a interagir, isso não pode acontecer. As vontades colidem umas com as outras.

— Mas nesse caso... é um mundo imposto? — concluiu Carola.

— É como... como a vida real. As coisas acontecem, e *basta* — resumiu Marcello.

— E aquele rapaz na praia... era o quê, um holograma? — quis saber Carola. — Como se diz, uma projecção? Do Rest.2?

— Não era uma projecção, era um fantasma — assegurou Brísida, sem hesitar.

— Espera... qual é a diferença? — perguntou Bartolomeu, baralhado.

— Uma projecção não existe, é um produto da nossa imaginação. Por exemplo, numa ligação individual, se me quiseres ver... a mim ou a outra pessoa qualquer... podes convocar projecções, uma reprodução visual. São só imagens, vão agir como tu próprio decides. Mas um fantasma é diferente, representa uma pessoa, tem identidade própria... E aquele rapaz na praia era um fantasma.

— Como é que podes ter tanta certeza? — desafiou-a Fernão.

— Lá, no Rest, se vocês fizerem assim — e Brísida fez um gesto de rotação à volta do pulso —, aparece uma pulseira, que serve para inserir comandos. Aquele rapaz tinha uma pulseira, como eu, mas as projecções não usam pulseiras. Quer dizer que não estamos sozinhos no Rest.2. Há outros como nós, não há, Marcello?

Naquele momento, Tiago, que até então se mantivera recolhido a um canto, soltou um riso provocador. Marcello mostrou-se irritado. Mas Brísida fizera-lhe uma pergunta directa, não se podia eximir a respondê-la. O tutor baixou a cabeça, à procura de palavras, que no entanto eram simples:

— O rapaz era fantasma, sim... Mas não há outros. O que aconteceu... Isto é complicado. Aquele era fantasma de Flávio Hirpo.

*

O elevador fazia um ruído enervante ao chegar ao último andar. Elda viu as portas abrirem-se e Tiago avançou pelo átrio. Os restantes impulsores, os verdadeiros, adoptaram um silêncio embaraçado. Era como se estivessem na presença de um leproso, olhavam-no com um misto de repugnância e piedade. Até dava vontade de lhes pregar um susto.

Tiago fora rejeitado, e toda a gente ouvira falar de histórias de rejeição na primeira ligação ao Rest. A incompatibilidade era uma experiência temível, que podia deixar sequelas. Pelo que conseguiam traduzir do discurso de Marcello, o Rest.2 assentava na estimulação de zonas cerebrais inacessíveis até então. Era um tiro no escuro. Se, na

aparência, Tiago continuava o mesmo rapaz velhaco que os acompanhara ao cemitério na véspera, o seu riso sardónico perdera a capacidade de ofender.

— Estávamos à tua espera, Tiago — informou Bartolomeu.

— Escusam de perder tempo comigo.

— Fazes parte disto, quer queiras quer não. O Marcello deixou claro que não ia desistir de ti. Mesmo sem resultados, vais continuar a ligar-te, todos os dias.

— Podes ser tu o próximo, caso não tenhas percebido — elucidou Fernão com maus modos. — Não é difícil imaginar como é que o Flávio bateu a bota, pois não? Por algum motivo, ontem ligou-se antes de nós e o resultado está à vista.

— O Marcello disse com todas as letras: o Rest.2 precisa de todos — reforçou Carola. — Mas não somos nós a forçar os limites, é mais o contrário. Se entretanto houver baixas, paciência. O que é que importam seis miúdos portugueses?

— Também não exageremos — temperou Brísida, a quem as acusações fáceis incomodavam. — Não têm nenhum interesse em que o projecto dê para o torto. Isto é o futuro da Europa, o Rest.2 é para exportar para o mundo inteiro. O que se passou com o Flávio foi um acidente, de certeza que há uma explicação. Se ao menos tivéssemos conseguido falar com ele...

— Elda, *tu* falaste com ele — lembrou-se de súbito Carola. — Lá na praia! Eu vi-vos ao longe, naquelas escadas. O que é que ele te disse?

— Não tenho a certeza... nem sei se era mesmo ele — Elda atrapalhou-se. De repente, todos os olhares estavam concentrados em si. — Foi tudo muito estranho. Parecia calmo, mal falou... Só disse que não podíamos fazer nada. Em relação ao acidente. Acho.

Voltar àquele momento era penoso. Deveria acrescentar — o quê? Que ele sabia o seu nome? De qualquer modo, a mensagem que lhe confiara era absurda.

— Então ele sempre tinha mais juízo do que vocês. — Era a voz de Tiago. — Ouçam, o tipo está morto, nós estamos vivos. É o que interessa. Ainda não perceberam que estão a dar cabo dos neurónios por causa de um mundo a fingir? Esta andou a brincar com um cão. Algum de vocês alguma vez viu um cão?

Evidentemente, nenhum deles tinha idade para ter conhecido um cão.

— Isso não é argumento — rebateu Carola. — Contigo não adianta, não estavas lá para perceber. O cão estava vivo, havia sol, dava para nadar no mar. Tudo coisas que deixaram de ser possíveis há décadas. Eu também achava que era treta, a história de «habitar o mundo segunda vez»... Mas não é só ficção. Ou por outra, o mundo é falso,

mas o que tu vives é a sério. Aquela praia existia mesmo, o Flávio morreu mesmo à nossa frente.

A raiva dela não ocultava uma amarga impotência. Nenhum deles sabia como ultrapassar aquele facto bruto: morreram um deles. Nenhuma preparação, nenhum treino os qualificara para aquilo.

— Tens razão, não posso perceber. Até amanhã. — Tiago virou costas e afastou-se em direcção ao tapete móvel.

— Inacreditável... — rosou Fernão.

— E amanhã — ousou perguntar Elda —, voltamos para aqui como se nada fosse?

— Temos escolha? — ripostou Fernão, com rispidez. E acrescentou, a apontar para a paisagem exterior: — Não me digas que estás a pensar em desertar...

Sabiam todos muito bem que não tinham como furtar-se àquele trabalho. Desolada, Carola encostou-se ao corpo de Bartolomeu como a uma árvore.

Fazia-se tarde, os colegas começaram a abandonar o local, um a um. Elda deixou-se ficar para o fim, junto à janela.

A boca que Fernão lhe mandara reenviava-a a um pensamento vago, insistente. Naquela manhã, o tutor mencionara especificamente o surgimento do *Restauratio*. Indicara datas, recuara ao ano do desastre. Ora, no ano de 2017, um adulto nunca se referia àqueles tempos, os jovens não faziam perguntas. E, no entanto, a própria existência do Rest.2, com a sua promessa de restaurar o planeta como fora, impunha que se olhasse essa realidade de frente.

Lá fora, Lisboa morria sob o sol ameaçador. Impossível voltar para trás.